

## A “CRISE” DA UCRÂNIA É APENAS MAIS UM ENIGMA DOS EUA?

Por Jack Matlock\*



O presidente dos EUA, Joe Biden, ameaçou impor pesadas consequências econômicas se Vladimir Putin ordenar uma invasão da Ucrânia. Mas essa é a história completa? (Mikhail Metzel/AFP/Sputnik).

*Enfrentamos uma crise evitável que era previsível, deliberadamente precipitada, mas que poderia ser facilmente resolvida através do bom senso.*

**T**odos os dias nos dizem que a guerra é iminente na Ucrânia. As tropas russas, nos dizem, estão se concentrando nas fronteiras da Ucrânia e podem atacar a qualquer momento. Os cidadãos americanos estão sendo aconselhados a deixar a Ucrânia e os dependentes da equipe da Embaixada dos EUA estão sendo evacuados.

Enquanto isso, o presidente ucraniano aconselhou contra o pânico e deixou claro que não considera iminente uma invasão russa.

Vladimir Putin, o presidente russo, negou ter qualquer intenção de invadir a Ucrânia. Sua exigência é que o processo de adição de novos membros à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) cesse e que, em particular, a Rússia tenha a garantia de que a Ucrânia e a Geórgia nunca serão membros.

O presidente dos EUA, Joe Biden, recusou-se a dar tal garantia, mas deixou clara sua disposição de continuar discutindo questões de estabilidade estratégica na Europa. Enquanto isso, o governo ucraniano deixou claro que não tem intenção de implementar o acordo alcançado em 2015 para reunir as províncias de Donbass na Ucrânia com alto grau de autonomia local – um acordo com Rússia, França e Alemanha que os Estados Unidos endossaram.

Talvez eu esteja errado – tragicamente errado – mas não posso descartar a suspeita de que estamos testemunhando uma farsa elaborada, grosseiramente ampliada por elementos proeminentes da mídia americana, para servir a um fim político doméstico.

Enfrentando o aumento da inflação, os estragos do covid-19, a culpa (na maioria das vezes injusta) pela retirada do Afeganistão, além do fracasso em obter apoio total de seu próprio partido para a legislação “Build Back Better”, o governo de Biden está cambaleando sob flácidos índices de aprovação quando se prepara para as eleições parlamentares deste ano.

Já que “vitórias” claras nos problemas domésticos parecem cada vez mais improváveis, por que não fabricar uma, posando como se ele impedisse a invasão da Ucrânia “enfrentando Vladimir Putin”?

Na verdade, parece mais provável que os objetivos do presidente Putin sejam o que ele diz que são – e como ele vem dizendo desde seu discurso em Munique em 2007. Para simplificar e parafrasear, eu os resumiria assim: “Trate-nos com pelo menos um mínimo de respeito. Nós não ameaçamos você ou seus aliados, por que você nos recusa a segurança em que você insiste para si mesmo?”

Em 1991, quando a União Soviética entrou em colapso, muitos observadores, ignorando os acontecimentos que marcaram o final da década de 1980 e o início da década de 1990, consideraram o fim da Guerra Fria. Eles estavam errados. A Guerra Fria havia terminado pelo menos dois anos antes. Terminou por negociação e foi do interesse de todas as partes.

O presidente dos EUA, George H. W. Bush, esperava que Mikhail Gorbachev conseguisse manter a maioria das 12 repúblicas não bálticas em uma federação voluntária. Em 1º de agosto de 1991, ele fez um discurso no parlamento ucraniano (o Verkhovna Rada) no qual endossou os planos de Gorbachev para uma federação voluntária e alertou contra o “nacionalismo suicida”.

A última frase foi inspirada pelos ataques do líder georgiano Zviad Gamsakurdia às minorias na Geórgia soviética. Por razões que explicarei, elas se aplicam à Ucrânia hoje.

Conclusão: Apesar da crença predominante, tanto entre a “bolha” nos Estados Unidos, quanto a maioria do público russo, os Estados Unidos não apoiaram, muito menos causaram a dissolução da União Soviética. Apoiamos toda a independência da Estônia, Letônia e Lituânia, e um dos últimos atos do parlamento soviético foi legalizar sua reivindicação de independência.

E, a propósito, apesar dos temores frequentemente expressos, Vladimir Putin nunca ameaçou reabsorver os países bálticos ou reivindicar qualquer um de seus territórios, embora tenha criticado alguns que negaram aos russos étnicos os plenos direitos de cidadania, um princípio que a União Europeia está empenhada em fazer cumprir.

Mas passemos à primeira das afirmações do subtítulo deste artigo.



O presidente John F. Kennedy com o secretário de Defesa Robert S. McNamara na Sala do Gabinete da Casa Branca discutem a crise dos mísseis cubanos (Cecil Stoughton/Wiki Commons/Casa Branca).

## A CRISE ERA EVITÁVEL?

Bem, uma vez que a maior exigência do presidente Putin é a garantia de que a OTAN não aceitará mais membros, e especificamente não a Ucrânia ou a Geórgia, obviamente não haveria base para a presente crise se não tivesse havido expansão da aliança após o fim da Guerra Fria, ou se a expansão ocorresse em harmonia com a construção de uma estrutura de segurança na Europa que incluísse a Rússia.

Talvez devêssemos olhar para esta questão de forma mais ampla. Como outros países respondem a alianças militares estrangeiras perto de suas fronteiras?

Já que estamos falando de política americana, talvez devêssemos prestar atenção à forma como os Estados Unidos reagiram às tentativas de forasteiros de estabelecer alianças com países próximos.

Alguém se lembra da Doutrina Monroe, a declaração de uma esfera de influência que compreendia um hemisfério inteiro? E nós quisemos dizer isso! Quando soubemos que a Alemanha do Kaiser Wilhelm estava tentando alistar o México como aliado durante a Primeira Guerra Mundial, isso foi um poderoso incentivo para a subsequente declaração de guerra contra a Alemanha.

Então, é claro, na minha vida, tivemos a crise dos mísseis cubanos, algo que me lembro vividamente pois eu estava na embaixada dos EUA em Moscou, e traduzi algumas das mensagens de Nikita Khrushchev para John F. Kennedy.

Devemos olhar para eventos como a crise dos mísseis cubanos do ponto de vista de alguns dos princípios do direito internacional, ou do ponto de vista do provável comportamento dos líderes de um país se eles se sentirem ameaçados? O que dizia o direito internacional da época sobre o emprego de mísseis nucleares em Cuba?

Cuba era um estado soberano e tinha o direito de buscar apoio para sua independência em qualquer lugar que escolhesse. Tinha sido ameaçado pelos Estados Unidos, até mesmo sofrido uma tentativa de invasão, usando cubanos anticastristas. Pediu apoio à União Soviética.

Sabendo que os Estados Unidos haviam implantado armas nucleares na Turquia, na verdade um aliado dos EUA na fronteira com a União Soviética, Nikita Khrushchev, o líder soviético, decidiu estacionar mísseis nucleares em Cuba. Como os EUA poderiam se opor legitimamente se a União Soviética estivesse implantando armas semelhantes às usadas contra ela?

Obviamente, foi um erro. Um grande erro (lembra a observação de Talleyrand<sup>1</sup>: "... pior que um crime...").

As relações internacionais, gostem ou não, não são determinadas pelo debate, interpretação e aplicação das minúcias do "direito internacional" – que em todo caso não é o mesmo que uma lei municipal, uma lei dentro dos países.

Kennedy teve que reagir para remover a ameaça. O Estado Maior Conjunto recomendou tirar os mísseis via bombardeio. Felizmente, Kennedy parou antes disso, declarou um bloqueio e exigiu a remoção dos mísseis.

No final de uma semana de mensagens indo e voltando – traduzi a mais longa de Khrushchev – foi acordado que Khrushchev retiraria os mísseis nucleares de Cuba. O que não foi anunciado foi que Kennedy também concordou em retirar os mísseis dos EUA da Turquia, mas que esse compromisso não deveria ser tornado público.

Nós, diplomatas americanos na Embaixada de Moscou, ficamos encantados com o resultado, é claro. Nem sequer fomos informados do acordo sobre mísseis na Turquia. Não tínhamos ideia de que havíamos chegado perto de uma troca nuclear. Sabíamos que os EUA tinham superioridade militar no Caribe e teríamos aplaudido se a Força Aérea dos EUA tivesse bombardeado os pontos com mísseis. Nós estávamos errados.

Em reuniões posteriores com diplomatas e oficiais militares soviéticos, soubemos que se os pontos tivessem sido bombardeados, os oficiais no local poderiam ter lançado os mísseis sem ordens de Moscou.

Poderíamos ter perdido Miami, e depois? Também não sabíamos que um submarino soviético chegou perto de lançar um torpedo nuclear contra o destroier que o impedia de emergir.

---

<sup>1</sup> Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838) foi um político e diplomata francês.

Foi por pouco. É muito perigoso se envolver em confrontos militares com países com armas nucleares. Você não precisa de um diploma avançado em direito internacional para entender isso. Você só precisa de bom senso.



*Tropas britânicas e francesas se preparam para um exercício da OTAN em 2018 (Wiki Commons).*

## ERA PREVISÍVEL; FOI PREVISTO?

*“O erro estratégico mais profundo cometido desde o fim da Guerra Fria.”* Minhas palavras e minha voz não foram as únicas.

Em 1997, quando surgiu a questão de adicionar mais membros à Organização do Tratado do Atlântico Norte, pediram-me para testemunhar perante o Comitê de Relações Exteriores do Senado dos Estados Unidos. Em minhas observações introdutórias, fiz a seguinte declaração:

*“Considero equivocada a recomendação do governo de levar novos membros para a OTAN neste momento. Se for aprovado pelo Senado dos Estados Unidos, pode ficar na história como o erro estratégico mais profundo cometido desde o fim da Guerra Fria.*

*Longe de melhorar a segurança dos Estados Unidos, de seus aliados e das nações que desejam entrar para a Aliança, poderia encorajar uma cadeia de eventos que poderia produzir a mais séria ameaça à segurança desta nação desde o colapso da União Soviética.”*

A razão que citei foi a presença na Federação Russa de um arsenal nuclear que, em eficácia global, igualou, se não excedeu, o dos Estados Unidos. Qualquer um de nossos arsenais, se realmente usado em uma guerra quente, seria capaz de acabar

com a possibilidade de uma civilização na Terra, possivelmente até causando a extinção da raça humana e de muitas outras formas de vida no planeta.

Embora os Estados Unidos e a União Soviética tivessem, como resultado de acordos de controle de armas concluídos pelos governos de Ronald Reagan e Bush, as negociações para novas reduções estagnaram durante o governo de Bill Clinton. Não houve sequer um esforço para negociar a retirada das armas nucleares de curto alcance da Europa.

Essa não foi a única razão que citei para incluir, em vez de excluir, a Rússia da segurança europeia. Expliquei da seguinte forma:

*"O plano de aumentar o número de membros da OTAN não leva em conta a real situação internacional após o fim da Guerra Fria e segue uma lógica que só fazia sentido durante a Guerra Fria. A divisão da Europa terminou antes que se pensasse em levar novos membros para a OTAN."*

*"Ninguém está ameaçando re-dividir a Europa. Portanto, é absurdo afirmar, como alguns fizeram, que é necessário incorporar novos membros à OTAN para evitar uma futura divisão da Europa; se a OTAN deve ser o principal instrumento para unificar o continente, então, logicamente, a única maneira de fazê-lo é expandindo para incluir todos os países europeus."*

*"Mas esse não parece ser o objetivo da Administração e, mesmo que seja, a maneira de alcançá-lo não é admitindo novos membros aos poucos."*

Então acrescentei: *"Todos os supostos objetivos do alargamento da OTAN são louváveis. É claro que os países da Europa Central e Oriental fazem parte culturalmente da Europa e devem ter um lugar garantido nas instituições europeias. Claro que temos interesse no desenvolvimento da democracia e economias estáveis."*

*"Mas a adesão à OTAN não é a única maneira de alcançar esses objetivos. Não é nem mesmo a melhor maneira, na ausência de uma ameaça de segurança clara e identificável."*

Na verdade, a decisão de expandir a OTAN aos poucos foi uma reversão das políticas americanas que produziram o fim da Guerra Fria e a libertação da Europa Oriental.

O presidente George H. W. Bush havia proclamado a meta de uma “Europa inteira e livre”. O presidente soviético Gorbachev havia falado sobre “nossa lar europeu comum”, tinha recebido representantes de governos do Leste Europeu que expulsaram seus governantes comunistas e ordenaram reduções radicais nas forças militares soviéticas, explicando que para um país ser seguro, deve haver segurança para todos.

Bush também assegurou a Gorbachev durante a reunião em Malta, em dezembro de 1989, que se os países do Leste Europeu pudessem escolher sua orientação futura por processos democráticos, os Estados Unidos não “se aproveitariam” desse processo (obviamente, trazer para a OTAN países que estavam no Pacto de Varsóvia seria “tirar vantagem”).

No ano seguinte, foi assegurado a Gorbachev, embora não em um tratado formal, que se uma Alemanha unificada pudesse permanecer na OTAN, não haveria movimento da jurisdição da OTAN para o leste, “nem uma polegada”.

Esses comentários foram feitos a Gorbachev antes da dissolução da União Soviética. Uma vez que o fez, a Federação Russa tinha menos da metade da população da União Soviética e um estabelecimento militar desmoralizado e em total desordem.

Embora não houvesse motivos para ampliar a OTAN depois que a União Soviética reconheceu e respeitou a independência dos países do Leste Europeu, havia ainda menos motivos para temer a Federação Russa como uma ameaça.



*Vladimir Putin e George W. Bush assinam o Tratado de Reduções Ofensivas Estratégicas em Moscou, em 24 de maio de 2002 (Wiki Commons/Casa Branca).*

## PROPOSITALMENTE PRECIPITADO?

A adição de países da Europa Oriental à OTAN continuou durante o governo de George W. Bush (2001-2009), mas isso não foi a única coisa que estimulou a objeção russa.

Ao mesmo tempo, os Estados Unidos começaram a se retirar dos tratados de controle de armas que haviam temperado, por algum tempo, uma corrida armamentista irracional e perigosa e eram os acordos fundamentais para o fim da Guerra Fria.

A mais significativa foi a decisão de se retirar do Tratado de Mísseis Antibalísticos (Tratado ABM), que havia sido a pedra angular da série de acordos que interromperam por um tempo a corrida armamentista nuclear.

Após os ataques terroristas ao World Trade Center em Nova York e ao Pentágono no norte da Virgínia, o presidente Putin foi o primeiro líder estrangeiro a ligar para o então presidente americano Bush e oferecer apoio.

Ele cumpriu sua palavra ao facilitar o ataque ao regime talibã no Afeganistão, que abrigava Osama bin Laden, o líder da Al-Qaeda que inspirou os ataques.

Ficou claro naquela época que Putin aspirava a uma parceria de segurança com os Estados Unidos. Os terroristas jihadistas que tinham como alvo os EUA também tinham como alvo a Rússia.

No entanto, os EUA continuaram seu curso de ignorar os interesses russos – e de aliados – ao invadir o Iraque, um ato de agressão ao qual não apenas a Rússia se opôs, mas também a França e a Alemanha.

Quando Putin tirou a Rússia da falência ocorrida no final dos anos 1990, estabilizou a economia, pagou as dívidas externas da Rússia, reduziu a atividade do crime organizado e até começou a construir uma reserva para enfrentar futuras tempestades financeiras, ele foi submetido a o que percebeu como um insulto após o outro à sua percepção da dignidade e segurança da Rússia.

Ele os enumerou em um discurso em Munique em 2007.

O secretário de Defesa dos EUA na época, Robert Gates, respondeu que não precisávamos de uma nova Guerra Fria. É verdade, é claro, mas nem ele nem seus superiores, nem seus sucessores pareciam levar a sério o aviso de Putin.

O então senador Joseph Biden, durante sua candidatura à eleição presidencial de 2008, prometeu “enfrentar Vladimir Putin”. Hein? Que diabos Putin fez a ele ou aos Estados Unidos?

Embora o presidente Barack Obama tenha inicialmente prometido mudanças políticas, na verdade seu governo continuou a ignorar as preocupações russas mais sérias e redobrou os esforços americanos anteriores para separar as ex-repúblicas soviéticas da influência russa e, de fato, incentivar a “mudança de regime” na própria Rússia.

As ações americanas na Síria e na Ucrânia foram vistas pelo presidente russo, e por muitos russos, como ataques indiretos a eles.

O presidente Bashar al-Assad da Síria foi um ditador brutal, mas o único baluarte eficaz contra o Estado Islâmico (ISIS), um movimento que floresceu no Iraque após a invasão dos EUA e estava se espalhando pela Síria.

A ajuda militar a uma suposta “oposição democrática” rapidamente caiu nas mãos de jihadistas aliados da própria Al-Qaeda que havia organizado os ataques de 11 de setembro aos Estados Unidos.

Mas a ameaça para a vizinha Rússia era muito maior, já que muitos dos jihadistas vinham de áreas da antiga União Soviética, incluindo a própria Rússia. A Síria também é vizinha próxima da Rússia; os EUA foram vistos fortalecendo os inimigos de ambos, dos Estados Unidos e da Rússia com sua tentativa equivocada de decapitar o governo sírio.

No que diz respeito à Ucrânia, a intrusão dos EUA em sua política doméstica foi profunda – a ponto de parecer escolher um primeiro-ministro. Também, com efeito, apoiou um golpe de estado ilegal que mudou o governo ucraniano em 2014, um procedimento normalmente não considerado consistente com o estado de direito ou a governança democrática.

A violência que ainda fervilha na Ucrânia começou no oeste “pró-ocidental”, não em Donbass, onde foi uma reação ao que foi visto como uma ameaça de violência contra ucranianos etnicamente russos.

Durante o segundo mandato de Obama como presidente dos EUA, sua retórica tornou-se mais pessoal, juntando-se a um coro crescente na mídia americana e britânica vilipendiando o presidente russo. Obama falou das sanções econômicas contra os russos como “custando” a Putin por seu “mau comportamento” na Ucrânia, convenientemente esquecendo que a ação de Putin era popular na Rússia e que o próprio antecessor de Obama, George W. Bush, poderia ser acusado de forma credível de ser um criminoso de guerra.

Obama então começou a insultar a nação russa como um todo, com alegações como “A Rússia não faz nada que ninguém queira”, ignorando convenientemente o fato de que a única maneira de levar astronautas americanos à Estação Espacial Internacional naquela época era com foguetes russos, e que seu governo estava tentando ao máximo impedir que o Irã e a Turquia comprassem mísseis antiaéreos russos.

Tenho certeza de que alguns dirão: “Qual é o problema? Reagan chamou a União Soviética de império do mal, mas depois negociou o fim da Guerra Fria.” Certo. Reagan condenou o antigo império soviético – e posteriormente deu crédito a Gorbachev por mudá-lo – mas nunca criticou publicamente os líderes soviéticos pessoalmente.

Ele os tratou com respeito pessoal e como iguais, até tratando o ministro das Relações Exteriores Andrei Gromyko com jantares formais geralmente reservados a chefes de estado ou governo. Suas primeiras palavras em reuniões privadas eram geralmente algo como: “Temos a paz do mundo em nossas mãos. Devemos agir com responsabilidade para que o mundo possa viver em paz.”

As coisas pioraram durante os quatro anos da presidência de Donald Trump. Acusado, sem provas, de ser um joguete russo, Trump fez questão de abraçar todas as medidas antirussas que surgiram, ao mesmo tempo em que elogiava Putin como um grande líder.

As expulsões recíprocas de diplomatas, iniciadas pelos Estados Unidos nos últimos dias do mandato de Obama, continuaram em um círculo vicioso que

resultou em uma presença diplomática tão enfraquecida, que durante meses os Estados Unidos não tiveram funcionários suficientes em Moscou para emitir vistos para russos para visitar os Estados Unidos.

Como tantos outros desenvolvimentos recentes, o estrangulamento mútuo das missões diplomáticas reverte uma das conquistas mais orgulhosas da diplomacia americana nos últimos anos da Guerra Fria, quando trabalhamos diligentemente e com sucesso para abrir a sociedade fechada da União Soviética, para derrubar a cortina de ferro que separava “Leste” e “Oeste”.

Conseguimos, com a cooperação de um líder soviético que entendeu que seu país precisava desesperadamente se juntar ao mundo.

Tudo bem, mantendo meu argumento de que a crise de hoje foi “precipitada deliberadamente”. Mas se é assim, como posso dizer que poderia ser...



*O presidente dos EUA, Joe Biden (Anna Moneymaker/AFP/Getty Images).*

## FACILMENTE RESOLVIDO COM BOM SENSO?

A resposta curta é, porque pode ser. O que o presidente Putin está exigindo, o fim da expansão da OTAN e a criação de uma estrutura de segurança na Europa que garanta a segurança da Rússia junto com a dos outros, é eminentemente razoável.

Ele não está exigindo a saída de nenhum membro da OTAN e não está ameaçando nenhum. Por qualquer padrão pragmático e de bom senso, é do interesse dos Estados Unidos promover a paz, não o conflito.

Tentar separar a Ucrânia da influência russa – o objetivo declarado daqueles que agitavam as “revoluções coloridas” – foi uma tarefa tola e perigosa. Esquecemos tão cedo a lição da crise dos mísseis cubanos?

Agora, dizer que aprovar as exigências de Putin é do interesse objetivo dos Estados Unidos não significa que será fácil de fazer. Os líderes dos partidos Democrata e Republicano desenvolveram uma postura tão russófoba (algo que requer um estudo separado) que será necessária grande habilidade política para navegar pelas águas traiçoeiras e alcançar um resultado racional.

O presidente Biden deixou claro que os Estados Unidos não intervirão com suas próprias tropas se a Rússia invadir a Ucrânia. Então, por que movê-las para a Europa Oriental? Só para mostrar aos falcões no Congresso que ele está firme? Para que?

Ninguém está ameaçando a Polônia ou a Bulgária, exceto ondas de refugiados que fogem da Síria, do Afeganistão e das áreas desidratadas da savana africana. Então, o que o 82º Aerotransportado está fazendo?

Bem, como sugeri anteriormente, talvez isso seja apenas uma farsa dispendiosa. Talvez as negociações subsequentes entre os governos de Biden e Putin encontrem uma maneira de atender às preocupações russas.

Se assim for, talvez o enigma tenha servido ao seu propósito. E talvez então nossos membros do Congresso comecem a lidar com os problemas crescentes que temos em casa, ao invés de piorá-los.

Pode-se sonhar, não?

---

*Este artigo é de autoria de Jack Matlock e foi produzido pela [Globetrotter](#) em parceria com o [Comitê Americano para o Acordo EUA-Rússia](#) (ACURA). Foi cedido ao Velho General pela Globetrotter.*

---

**\*Jack Matlock**, diplomata de carreira americano, foi o último embaixador dos EUA na extinta União Soviética. Desde que se aposentou, se concentra em entender como a Guerra Fria terminou, e como as lições dessa experiência podem ser aplicadas hoje.

---